

George Orwell

QUINTA  
DOS ANIMAIS

*prefácio de*  
Jorge Sampaio

*tradução de*  
Adriana Veleda

LIVROS DO BRASIL

## QUINTA DOS ANIMAIS

## CAPÍTULO 1

O Sr. Jones, da Quinta do Solar, fechou os galinheiros, mas estava já demasiado bêbedo para se lembrar de fechar as portinholas. Com o halo de luz da sua lanterna a cambalear de um lado para o outro, atravessou vacilante o quintal, descalçou as botas na porta das traseiras, serviu-se de um último copo de cerveja do barril na copa e subiu para o quarto, onde a Sra. Jones já ressonava.

Assim que a luz do quarto se apagou, todos os edifícios da quinta foram tomados por uma certa agitação e um certo alvoroço. Durante o dia, tinha circulado o rumor de que o velho Major, o premiado varrão Middle White, tivera um estranho sonho na noite anterior que desejava transmitir aos outros animais. Tinha ficado acordado que todos se iriam reunir no grande celeiro assim que o caminho estivesse livre do Sr. Jones. O velho Major (como tinha sido sempre chamado, embora tivesse sido exibido com o nome «Beleza de Willingdon») era tido em tão elevada estima na quinta que todos estavam dispostos a perder uma hora de sono para ouvir o que ele tinha para dizer.

Numa das extremidades do grande celeiro, numa espécie de plataforma elevada, Major encontrava-se já refastelado na sua cama de palha sob uma lanterna que pendia de uma viga. Tinha doze anos e ultimamente tinha engordado muito, mas continuava a ser um porco majestoso, de aspeto sábio e benevolente, pese embora o facto de as suas presas nunca terem sido aparadas. Pouco tempo depois, começaram a chegar os outros animais, que se instalaram confortavelmente, cada um à sua maneira. Os primeiros foram os três cães — Bluebell, Jessie e Pincher —; depois os porcos, que se aninharam na palha mesmo em frente à plataforma. As galinhas empoleiraram-se nos parapeitos das janelas, os

pombos esvoaçaram até às vigas, as ovelhas e as vacas deitaram-se atrás dos porcos e começaram a ruminar. Os dois cavalos de tração, Boxer e Clover, chegaram juntos, caminhando muito lentamente e pousando os seus amplos cascos peludos com grande cuidado, não estivesse algum animal pequeno escondido na palha. Clover era uma égua encorpada e de aspeto maternal, quase na meia-idade, e que nunca tinha recuperado totalmente a sua forma depois do quarto potro. Boxer era um animal gigantesco, com quase um metro e oitenta de altura e tão forte como dois cavalos comuns a trabalhar em conjunto. A lista branca no focinho dava-lhe uma aparência um tanto imbecil, e de facto não devia muito à inteligência, mas era respeitado por todos os outros animais pela sua firmeza de carácter e tremenda capacidade de trabalho. Depois dos cavalos, chegou Muriel, a cabra branca, e Benjamin, o burro. Benjamin era o animal mais velho da quinta e o mais mal-humorado. Raramente falava e, quando o fazia, era normalmente para tecer um reparo cínico — por exemplo, dizia que Deus lhe tinha dado uma cauda para enxotar as moscas, mas que preferia não ter cauda nem moscas. De todos os animais da quinta, era o único que nunca se ria. Se lhe perguntavam porquê, dizia que não via motivo para se rir. No entanto, ainda que sem nunca o admitir abertamente, era muito apegado a Boxer; os dois passavam habitualmente o domingo juntos no pequeno cercado para lá do pomar, pastando lado a lado e em silêncio.

Os dois cavalos tinham acabado de se deitar quando uma ninhada de patinhos que tinham perdido a sua mãe entraram alinhados no celeiro, piando fragilmente e vagueando de um lado para o outro à procura de um lugar onde não fossem esmagados. Com a sua grande pata dianteira, Clover criou uma espécie de muralha ao seu redor e os patinhos ali se aninharam e rapidamente adormeceram. No último instante, entrou Mollie, a tonta e bonita égua branca que puxava a charrete do Sr. Jones, bamboleando-se com delicadeza e mascarando um torrão de açúcar. Ocupou um lugar perto da frente e começou a sacudir a sua crina branca, na esperança de chamar a atenção para as fitas vermelhas com que esta estava entrançada. Por último, chegou a gata, que olhou em redor à

procura, como sempre, do lugar mais quente, optando por fim por se aconchegar entre Boxer e Clover, onde ficou a ronronar com satisfação durante o discurso de Major, sem no entanto ouvir uma única palavra do que dizia.

Todos os animais estavam agora presentes, à exceção de Moses, o corvo domesticado, que dormia num poleiro por detrás da porta das tra-seiras. Quando Major percebeu que todos estavam já confortavelmente instalados e atentamente à espera, pigarreou e começou:

— Camaradas, já ouviram dizer que tive um estranho sonho na noite passada. Mas deixarei o sonho para depois. Antes disso, tenho algo para vos dizer. Não creio, camaradas, que irei estar entre vós durante muitos mais meses e, antes de morrer, sinto que é minha obrigação transmitir-vos a sabedoria que adquiri. Tive uma vida longa, tive muito tempo para pensar deitado sozinho na minha cocheira e creio poder afirmar que compreendo o sentido da vida nesta terra tão bem como qualquer animal agora vivo. É sobre isto que vos desejo falar.

«Ora, camaradas, qual é o sentido desta nossa vida? Sejamos sinceros: as nossas vidas são miseráveis, laboriosas e curtas. Nascemos, recebemos apenas a comida necessária para nos mantermos vivos e aqueles de nós que têm capacidade para tal são obrigados a trabalhar até ao limite das nossas forças; e no preciso momento em que a nossa utilidade chega ao fim, somos abatidos com pernicioso crueldade. Nenhum animal em Inglaterra sabe o que é a felicidade e o ócio depois de completar um ano de idade. Nenhum animal em Inglaterra é livre. A vida de um animal é miséria e escravidão: esta é a mais pura das verdades.

«Mas fará isto simplesmente parte da lei da Natureza? Será esta nossa terra tão pobre que é incapaz de dar uma vida decente aos que cá vivem? Não, camaradas, mil vezes não! O solo de Inglaterra é fértil, o clima é bom, a terra tem a capacidade de proporcionar comida em abundância a um número extraordinariamente superior de animais do que aos que agora a habitam. Esta nossa pequena quinta poderia sustentar uma dúzia de cavalos, vinte vacas, centenas de ovelhas — e todos a viver com um conforto e uma dignidade que quase ultrapassam

a nossa imaginação. Então, por que razão continuamos nesta condição miserável? Porque a quase totalidade dos frutos do nosso trabalho nos é roubada pelos seres humanos. Aí, camaradas, reside a resposta para todos os nossos males; tudo se resume a uma única palavra — Homem. O Homem é o único inimigo que temos. Se retirarmos o Homem da equação, a causa principal da fome e do excesso de trabalho será para sempre exterminada.

«O Homem é a única criatura que consome sem produzir. Não dá leite, não põe ovos, é demasiado fraco para puxar o arado, não corre rápido o suficiente para apanhar coelhos. Não obstante, é senhor de todos os animais. Obriga-os a trabalhar, retribui-lhes apenas o mínimo dos mínimos para que não morram à fome e o resto guarda para si. O nosso trabalho lavra a terra, o nosso estrume fertiliza-a e, no entanto, nenhum de nós possui mais do que a sua própria pele. Vacas, vocês que agora me ouvem, quantos milhares de litros de leite deram neste último ano? E o que aconteceu a esse leite que devia ter sido usado para criar robustos vitelos? Sorvido, até à última gota, pelos nossos inimigos. E vocês, galinhas, quantos ovos puseram neste último ano e quantos desses ovos chegaram a frangos? Tudo o resto foi levado para o mercado para enriquecer o Jones e os seus homens. E tu, Clover, onde estão os quatro potros que geraste, que deveriam ser o teu amparo e a tua alegria na velhice? Cada um deles vendido com apenas um ano de idade — nunca mais os tornarás a ver. Como recompensa pelos teus quatro partos e por todo o teu trabalho nos campos, o que recebeste para além das tuas magras rações e um estábulo?

«E nem sequer deixam que as vidas miseráveis que levamos cheguem ao seu fim natural. Eu não me posso queixar, pois sou um dos sortudos. Tenho doze anos e tive mais de quatrocentos filhos. Assim é a vida natural de um porco. Mas, no final, nenhum animal escapa à cruel faca. Jovens suínos que agora se sentam à minha frente, cada um de vocês guinchará até à morte na mesa da matança no espaço de um ano. Esse é o horror que nos espera a todos — vacas, porcos, galinhas, ovelhas, todos. Nem sequer os cavalos nem os cães têm melhor sorte.

Tu, Boxer, no dia em que esses teus grandes músculos perderem o seu vigor, o Jones mandar-te-á para o matadouro, onde te cortarão a garganta e acabarás transformado em comida para os cães de caça. Quanto aos cães, quando ficam velhos e sem dentes, o Jones atalhes um tijolo ao pescoço e afoga-os no lago mais próximo.

«Não é, portanto, claro como água, camaradas, que todos os males desta nossa vida nascem da tirania dos seres humanos? Bastaria livrarmo-nos do Homem e os frutos do nosso trabalho seriam nossos. Quase de forma imediata, ficaríamos ricos e livres. O que devemos então fazer? Ora, trabalhar noite e dia, de corpo e alma, para derrubar a raça humana! Esta é a mensagem que vos deixo, camaradas: Revolta! Não sei quando acontecerá esta Revolta, poderá demorar uma semana ou até cem anos, mas estou certo, tão certo como vejo esta palha sob os meus pés, de que mais cedo ou mais tarde será feita justiça. Concentrem a vossa atenção nisto, camaradas, durante o pouco tempo que vos resta de vida! E, acima de tudo, transmitam esta minha mensagem aos que virão depois de vocês, para que as gerações futuras continuem a lutar até à vitória.

«E lembrem-se, camaradas: a vossa convicção não deve vacilar jamais. Argumento nenhum vos deve fazer perder o rumo. Não deem ouvidos quando vos disserem que o Homem e os animais têm um interesse comum, que a prosperidade de um é a prosperidade dos outros. É tudo mentira. O Homem não serve os interesses de criatura nenhuma tirando de si próprio. E entre nós, animais, que haja uma união perfeita, uma camaradagem perfeita na luta. Todos os homens são inimigos. Todos os animais são camaradas.

Nesse momento, houve um enorme alvoroço. Enquanto Major discursava, quatro grandes ratazanas tinham saído das suas tocas e estavam sentadas nas patas traseiras a escutá-lo. De súbito, os cães deram por elas e só uma veloz fuga para as suas tocas conseguiu salvar a vida das ratazanas. Major ergueu a pata a pedir silêncio.

— Camaradas — disse ele —, aqui está um ponto que devemos esclarecer. As criaturas selvagens, como os ratos e os coelhos, são nossos

aliados ou nossos inimigos? Façamos uma votação. Submeto esta moção à assembleia: «Os ratos são camaradas?»

A votação foi feita de imediato e uma esmagadora maioria declarou que os ratos eram camaradas. Houve apenas quatro dissidentes, os três cães e a gata, que mais tarde se veio a saber que tinha votado a favor e contra. Major prosseguiu:

— Pouco mais tenho para dizer. Simplesmente reitero: lembrem-se sempre do vosso dever de hostilidade para com o Homem e a sua forma de vida. Tudo o que ande em duas pernas é um inimigo. Tudo o que ande em quatro patas ou que tenha asas é um aliado. E lembrem-se ainda de que, durante a nossa luta contra o Homem, não nos devemos transformar nele. Mesmo quando o tivermos derrubado, não devemos adotar os seus vícios. Nenhum animal deverá viver numa casa, nem dormir numa cama, nem usar roupas, nem beber álcool, nem fumar, nem tocar em dinheiro, nem se envolver em comércio. Todos os hábitos do Homem são perversos. E, acima de tudo, animal algum deverá tiranizar os seus. Fracos ou fortes, espertos ou néscios, somos todos irmãos. Nenhum animal deverá matar outro animal. Todos os animais são iguais.

«E agora, camaradas, irei contar-vos sobre o meu sonho da noite passada. Não vos posso descrever esse sonho. Sonhei como será a Terra quando o Homem tiver desaparecido. Mas o sonho lembrou-me de algo que tinha há muito esquecido. Há muitos anos, quando eu era ainda um pequeno leitão, a minha mãe e as outras porcas costumavam cantar uma antiga canção, da qual apenas sabia a melodia e as três primeiras palavras. Conhecia essa melodia na minha infância, mas há muito que me tinha esquecido dela. Ontem à noite, no entanto, voltei a recordá-la no meu sonho. E mais, também voltei a lembrar-me dos versos da canção — os versos, tenho a certeza, cantados pelos animais de outrora e perdida na memória durante gerações. Irei agora cantar-vos essa canção, camaradas. Estou velho e a minha voz é rouca, mas quando vos tiver ensinado a melodia, irão cantá-la melhor do que eu. Chama-se *Animais de Inglaterra*.

O velho Major aclarou a voz e começou a cantar. Tal como tinha dito, a sua voz era rouca, mas cantou razoavelmente bem e a melodia

era contagiante, algures entre a *Clementine* e a *La Cucaracha*. Assim era a letra:

*Animais de Inglaterra, animais da Irlanda,  
Animais de toda a parte e de toda a banda,  
Escutai a boa nova que vos anunciarei,  
Do futuro áureo em que o animal será rei.*

*Cedo ou tarde, o dia chegará:  
O Homem tirano destronado será  
E os campos de Inglaterra, fecundos,  
Apenas percorridos pelos animais jucundos.*

*Os nossos narizes sem argolas ficarão  
E as nossas costas dos arreios se libertarão.  
Freios e esporas, para sempre enferrujados,  
E os cruéis chicotes eternamente silenciados.*

*Riquezas para lá da imaginação,  
Trigo e cevada, aveia e feno até mais não,  
Trevo, beterraba e feijão,  
Nesse dia, nossa e só nossa será a ração.*

*Fulgurosos, os campos de Inglaterra brilharão,  
Mais límpidas as suas águas correrão,  
As suas brisas soprarão com mais vontade  
No dia em que alcançarmos a liberdade.*

*Por esse dia, todos, juntos, devemos lutar,  
Mesmo que a morte chegue antes para nos levar;  
Vacas e cavalos, gansos e perus, todos,  
Pela liberdade deverão pugnar, arreigados!*

*Animais de Inglaterra, animais da Irlanda,  
Animais de toda a parte e de toda a banda,  
Escutai a boa nova que vos anunciarei,  
Do futuro áureo, em que o animal será rei.*

Esta canção lançou os animais num selvático frenesim. Mesmo antes de Major ter terminado, eles próprios começaram a cantá-la. Até os menos inteligentes tinham aprendido a melodia e algumas palavras; já os mais inteligentes, como os porcos e os cães, sabiam a canção de cor passados alguns minutos. Depois, após algumas tentativas, toda a quinta desatou a cantar *Animais de Inglaterra* em perfeito uníssono. As vacas a mugir, os cães a ganir, as ovelhas a balir, os cavalos a relinchar, os patos a grasnar. Tão maravilhados estavam com a canção que a cantaram cinco vezes seguidas e a cantá-la teriam continuado pela noite dentro se não tivessem sido interrompidos.

Infelizmente, a algazarra acordou o Sr. Jones, que saltou da cama, certo de que havia uma raposa na quinta. Agarrou na arma que tinha sempre a um canto do quarto e disparou uma ronda de chumbos na escuridão. Os chumbos foram cravar-se na parede do celeiro e a assembleia apressadamente se dispersou. Todos fugiram para as suas camas. Os pássaros saltaram para os seus poleiros, os animais instalaram-se na palha e daí a nada toda a quinta estava a dormir.